

# TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO NA VIDA DAS OPERÁRIAS MANAUARAS

---

## Marta Castilho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: castilho@ie.ufrj.br

## Hildete Pereira de Melo

Universidade Federal Fluminense

E-mail: hildete43@gmail.com

## Alberto Di Sabbatto

Universidade Federal Fluminense

E-mail: alberto@economia.uff.br

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a divisão sexual do trabalho como forma de discriminação entre mulheres e homens empregados na indústria da Zona Franca de Manaus (ZFM). A teoria feminista considera que o conceito de trabalho produtivo possui uma dimensão sexuada e, num conceito mais amplo de trabalho, o tempo gasto com a reprodução da sociedade deve ser levado em conta. Usando os microdados da PNAD/IBGE, para os anos de 2002 e 2011, analisa-se a relação entre o trabalho produtivo e o reprodutivo vivido pelos trabalhadores e trabalhadoras da indústria da ZFM, numa perspectiva comparada com o restante do Brasil. Conclui-se que, no mercado de trabalho mercantil, a discriminação é semelhante àquela observada para o Brasil, ainda que, em alguns setores, apareçam indicadores positivos. No que se refere ao trabalho reprodutivo, percebe-se uma divisão das tarefas domésticas que asseguram a reprodução da sociedade mais equânime do que no restante do país.

**Palavras-chave:** discriminação; gênero; trabalho reprodutivo; afazeres domésticos

**Abstract:** This article aims to analyze the sexual division of labor as a form of discrimination between women and men who work in the Manaus Free Trade Zone industry (ZFM). Feminist theory considers that the concept of productive work has a sexual dimension and a broader concept of work, the time spent on the reproduction of society should be taken into account. Using data from PNAD / IBGE, for the years 2002 and 2011, analyzes the relationship between productive and reproductive work experienced by workers and workers from the ZFM industry, in a comparative perspective with the rest of Brazil. We conclude that, in the mercantile labor market discrimination is similar to that observed for Brazil, although in some sectors appear positive indicator. With regard to reproductive work, one sees a division of household tasks that ensure the reproduction of more egalitarian society than the rest of the country.

**Keywords:** discrimination; gender; reproductive work; household chores



## Introdução

O distrito industrial de Manaus, onde estão localizadas as empresas que se favorecem dos benefícios previstos na Zona Franca de Manaus, devido à sua história e institucionalidade, apresenta características bastante distintas de outras regiões industriais do Brasil.

Por diversas razões, a colonização do território amazônico sempre foi objeto de preocupação por parte dos governantes do país e o projeto de instalação de um polo industrial no seio da floresta tinha diversos objetivos. Entre eles, vale citar, a ocupação do espaço e a proteção do território nacional; a integração da região ao restante do país; e a criação de novas fontes de riqueza para a elite local, decadente desde o fim do ciclo da borracha.

Em função da instalação da ZFM, em 1967, e do desenvolvimento do Polo Industrial de Manaus nos anos 1970, desenvolveu-se ali uma indústria articulada com aquela localizada no Sul e Sudeste brasileiro, quando a integração econômica da região aumentou com o restante do país. Embora a indústria amazônica represente apenas 4% do PIB industrial brasileiro<sup>1</sup>, alguns setores têm importância relevante no cenário nacional.<sup>2</sup> A indústria local apresenta também fortes especificidades, como por exemplo, o forte conteúdo importado da produção<sup>3</sup> (apesar das limitações dadas pelas exigências de conteúdo nacional) e a acentuada concentração setorial do parque industrial. Os setores eletroeletrônico e produtor de veículos de duas rodas responderam, em 2011, por mais de 55% do faturamento do Polo Industrial de Manaus (PIM). Se considerarmos ainda os setores químico e de bens de informática, esse percentual sobe para 77%.

As diferenças observadas na estrutura da indústria manauara - relativamente à indústria brasileira - também são observadas quando se comparam os respectivos perfis da mão de obra. Além das diferenças observadas em algumas características da força de trabalho local em seu conjunto (como grau de instrução e perfil etário), aquelas diferenças relativas ao restante do Brasil também se manifestam no âmbito das assimetrias entre homens e mulheres no mercado de trabalho e fora dele. Essas especificidades são relevantes para se entender as relações de gênero no mercado de trabalho manauara. Alguns indicadores são positivos para as mulheres: os diferenciais de salário são menos

---

1 Dados de Valor Bruto da Produção da PIA/IBGE (2010).

2 Segundo a PIA/IBGE, em 2010, os setores de informática, eletroeletrônica, químicos e outros-materiais de transporte representavam 14% do Valor Bruto da Produção Industrial (VBPI) brasileiro.

3 No setor eletroeletrônico, por exemplo, cerca de 75% dos insumos são de origem estrangeira, segundo os dados da SUFRAMA para 2011.

acentuados do que para a média nacional, refletindo, em parte, o maior nível médio de qualificação das trabalhadoras relativamente aos trabalhadores. No que se refere ao trabalho reprodutivo, a marca da sociabilidade patriarcal da família domina o cenário, apesar de um menor tempo dedicado aos afazeres domésticos pelas operárias manauaras.

Estas especificidades da ZFM tornam a região interessante do ponto de vista do estudo das relações de gênero. Como é a vida das mulheres nessa região, que tem fortes vínculos com o exterior, sendo uma espécie de zona de processamento de importações? Como esta transformação produtiva regional mudou a vida destas mulheres e homens? Buscamos com esse trabalho entender se as condições econômicas específicas a essa região criam condições diferenciadas para as mulheres que trabalham na indústria manauara. Dito de outra forma, este artigo tem como objetivo analisar a divisão sexual do trabalho na cidade de Manaus (AM) num recorte especial – as operárias industriais da Zona Franca de Manaus (ZFM).

Para tal, analisamos indicadores selecionados e construídos a partir dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os anos de 2002 e 2011.<sup>4</sup> Em primeiro lugar, são levantadas as características do emprego em diversas dimensões. Em segundo, são examinadas informações acerca do tempo utilizado com os afazeres domésticos pelas trabalhadoras/es no Amazonas e no Brasil, permitindo dimensionar a repartição do tempo gasto por homens e mulheres entre trabalho produtivo e reprodutivo e, desta forma, avaliar a tensa relação existente entre família e trabalho.

### **A divisão sexual do trabalho: trabalho produtivo e reprodutivo**

A partir dos anos 1970, a emergência do movimento feminista no mundo ocidental espalhou-se nos *campi* universitários, nos governos e por toda a sociedade, denunciando a inferioridade das mulheres apregoada pela sociedade patriarcal. A literatura científica do período entre 1950 e 1970 sobre desenvolvimento socioeconômico, nas suas diversas vertentes, ignorou o papel das mulheres e analisava apenas as mulheres como economicamente inativas – visão expressa tanto pela literatura acadêmica, como pela representação social (RUBIO, 2011).

---

4 Devido às características da Zona Franca de Manaus, os dados relativos ao setor da indústria de transformação utilizados são da PNAD/IBGE, referentes ao Estado do Amazonas. A título de ilustração, cabe dizer que a população de Manaus corresponde a 50% da população estadual e toda a produção industrial está concentrada nesta região. A grande parte da produção industrial é beneficiada pelos regimes especiais da ZFM, com exceção dos setores têxtil e vestuário e outras empresas que não têm peso significativo.

Este esquecimento do papel das mulheres teve no trabalho pioneiro de Esther Boserup (1970) um marco, porque demonstrou que as teorias sobre os processos de desenvolvimento econômico tinham marginalizado as mulheres com base na divisão sexual do trabalho: ora subestimava o papel feminino no trabalho produtivo, ora limitava-o às tarefas da reprodução e dos cuidados.<sup>5</sup>

Os estudos de gênero e feministas se multiplicaram e o trabalho doméstico/reprodutivo entrou na agenda internacional como uma dimensão do trabalho social. Estas questões, seguramente, foram consequências da presença crescente das mulheres no mercado de trabalho e das transformações na reprodução da vida doméstica, cuja denúncia da exploração das donas de casa colocava desafios para a economia com a entrada destes novos atores sociais na arena política e econômica. A mulher mais educada, que a partir dos anos 1970 foi massivamente para o mercado de trabalho, mantém uma interdependência entre vida familiar e vida do trabalho que se fundem numa mesma dinâmica. Esta evidência remete à denúncia, pelo movimento de mulheres, da invisibilidade do trabalho feminino e das desigualdades que qualificam sua inserção produtiva (rendimentos inferiores, direitos previdenciários negados, obstáculos aos planos de ascensão a cargos e chefia).

O invisível é desvendado no plano simbólico quando se caracterizam os afazeres domésticos como trabalho complementar, acessório, de ajuda ou de cuidados. Esse tempo despendido no seio das famílias para cuidar da reprodução da vida tem, no plano econômico, o correspondente à renda que podia ser gerada neste tempo de trabalho e, desta forma, elevar os rendimentos familiares ou simplesmente ampliar sua autonomia econômica. As mulheres podem escolher entre ficar em casa cuidando da reprodução da família ou contratar outra pessoa para realizar estas tarefas, que *socialmente lhes cabem*. Isto lhes custará caro, como mostrou a intensa cobertura da mídia brasileira a respeito da tramitação e aprovação do Projeto de Emenda Constitucional (PEC 72/2013) pelo Congresso Nacional que estendeu os direitos sociais de proteção ao trabalho à categoria das/os trabalhadoras/es domésticos do país.

Para a teoria econômica, seja a vertente marxista ou a neoclássica, a realização de afazeres domésticos consiste em *valores de uso* e todas as referências

---

5 Na realidade, o conceito de trabalho em todos os campos disciplinares se restringia, nos primórdios, ao trabalho realizado no âmbito da produção assalariada. Só muito recentemente a problemática do trabalho não pago (afazeres domésticos) ou reprodutivo entrou em algumas disciplinas. Tanto a sociologia do trabalho como a da família, para não colocar a economia que ainda permanece relativamente alheia à questão, ocultaram durante muito tempo o trabalho despendido pelas mulheres. Sobre essa questão, cf. Picchio (1994); Borderies e Carrasco (1994) e Humpries e Rubery (1984).

relativas à reprodução dos seres humanos permanecem nebulosas. Pensar esta questão envolve incorporar a produção de bens e serviços não mercantis aos postulados da teoria econômica, o que diz respeito à reprodução dos seres humanos, portanto, de todos os trabalhadores para o capital. A posição das mulheres na estrutura familiar também se relaciona com a estrutura produtiva através de suas repercussões diretas na estrutura do mercado de trabalho. O capital pode aproveitar do seu baixo custo para contrabalançar a queda da taxa de lucro, manter determinadas tecnologias, utilizar a estrutura familiar para legitimar as desigualdades salariais e fazer contraponto com o movimento sindical nas suas reivindicações salariais.

O ocultamento das tarefas domésticas, como algo que foge ao escopo da teoria por não ser objeto de troca na sociedade, foi tratado pelas feministas como a construção da imagem partida da mulher, de *cidadã de segunda categoria* (ABRAMO, 2007). Para elas, a diferença entre valor de uso e valor de troca (trabalho concreto e trabalho assalariado) não é pequena sendo fundamental tratá-los separadamente. As questões da reprodução, do trabalho doméstico, da socialização das crianças e do cuidado com os idosos e doentes (tarefas típicas femininas) - antes organizadas por meio de relações de parentesco e inseparáveis em relação a sexo e classe - são tratadas no capitalismo fora da esfera econômica e mantêm uma íntima relação com a situação de inferioridade da mulher no mundo atual.

O desenvolvimento da teoria feminista, seja através do enfoque economia e gênero ou da economia feminista, divulgou escritos sobre a subordinação feminina que inspiraram inúmeros trabalhos na interface da Economia com a Sociologia e a Antropologia. O primeiro enfoque destacava as desigualdades econômicas entre os homens e as mulheres, mas sem questionar o marco analítico. O segundo enfoque propunha construir outros paradigmas para esta análise econômica, tais como a integração da reprodução da vida (PICCHIO, 1999; CARRASCO, 1999 e 2012). O primeiro partia da ideia de que a subordinação das mulheres é explicada pela exclusão do mundo mercantil e, ao analisar os impactos da industrialização sobre a vida das mesmas, focalizava a ótica da produção, deixando de lado o seu papel reprodutivo.<sup>6</sup> Assim, estas análises econômicas - clássica, marxista, neoclássicas - obscureciam as relações de gênero nas interpretações dos conceitos de produção e reprodução no capitalismo (MILL, 1985; MELO e PENA, 1985, MELO et al., 2007; MELO e CASTILHO, 2009). O segundo, por sua vez, destacava que a economia monetária depende da esfera não monetária, pois a reprodução da vida

---

6 Ver sobre este tema Michel (1978), Meillassoux (1979) e Nicholson (1987).

depende do trabalho não pago realizado no interior das famílias, chamando ainda a atenção para o fato de que a afetividade/amor é essencial para os seres humanos. Um dos temas centrais deste enfoque é a divisão sexual do trabalho e a repartição entre trabalho pago (trabalho produtivo) e não pago (trabalho reprodutivo). Grosso modo, os teóricos da economia não faziam análise econômica da família e, conseqüentemente, o trabalho doméstico não pago fugia do seu escopo analítico visto que todo seu arcabouço teórico privilegiava as operações de troca no mercado.<sup>7</sup>

O ruído provocado pelas acadêmicas nas universidades e o movimento de mulheres permitiu o desenvolvimento de pesquisas que analisaram o significado deste trabalho não pago (invisível) para a sociedade (AGUIAR, 2001 e 2010; BANDEIRA, 2010; FONTOURA et al., 2010; AQUILINI, 2013). A exclusão do tempo de trabalho dedicado à reprodução – considerado trabalho improdutivo – do cálculo do Produto Interno Bruto (PIB) avançou e diversos métodos foram elaborados para quantificar o valor deste trabalho (MELO et al., 2013). A consideração do valor econômico desse tipo de trabalho significaria, para as mulheres, desnudar as questões relativas à construção da percepção da inferioridade feminina.<sup>8</sup> Ao mesmo tempo, as pesquisas sobre uso do tempo se multiplicaram e as feministas vêm trabalhando para construir novas formas de coleta de dados sobre estas *tarefas obscuras* realizadas majoritariamente por mulheres dentro das famílias.<sup>9</sup>

As informações constantes da PNAD/IBGE desde 2001 permitem conhecer, por meio da questão sobre o tempo médio semanal dedicado aos afazeres domésticos, quem são as pessoas que realizam essas atividades e, assim, refletir sobre as assimetrias geradas na sociedade entre mulheres e homens. Neste artigo, o trabalho não pago realizado nas famílias está definido como *afazeres domésticos* e compreendem as tarefas de limpar, lavar louça, lavar e passar roupa, cozinhar, cuidar das crianças, velhos, doentes e deficientes, fazer compras dos alimentos e roupas. A existência destas informações nos permitiu elaborar este trabalho no contexto das operárias industriais da Zona Franca de Manaus, no período 2002-2011 e, desta forma, conhecer os avanços e a

---

7 Sobre as escolhas femininas relativas a mercado de trabalho e família, ver Becker (1991).

8 Melo et al. (2007 e 2013) discutem esse ponto e fazem uma proposta de valoração dos afazeres domésticos e sua inclusão no cálculo do PIB para o Brasil.

9 No Brasil, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizou em 2009 uma pesquisa-piloto sobre uso do tempo com a população acima de 10 anos de idade. Os resultados preliminares da pesquisa foram apresentados em seminário, em setembro de 2012. Sobre estas pesquisas ver o dossiê organizado por Melo (2010), assim como o Dossiê Temporalidades, da Revista Política & Trabalho, de 2011.

permanência da divisão sexual do trabalho em uma sociedade que foi profundamente transformada nas últimas décadas.

Essa problemática se junta a uma preocupação crescente de diversos organismos internacionais quanto às relações entre comércio internacional e desigualdade de gênero. Uma crescente literatura vem explorando suas interações e estas podem ser interpretadas em dois sentidos: a discriminação de gênero pode aparecer como fonte de competitividade para os produtos exportados, reduzindo os benefícios de longo prazo do comércio; e fluxos e políticas de comércio podem reforçar uma especialização que amplia ou consolida as desigualdades de gênero.<sup>10</sup> Evidentemente, essas relações são extensíveis a outros tipos de discriminação – raça, cor e idade, por exemplo. Essas relações também podem se acentuar caso haja intensificação do comércio, seja ele induzido ou não por políticas. O caso das zonas de processamento de exportações (ZPE), tão em voga devido à sua proliferação na Ásia, é uma das situações na qual as políticas que buscam incentivar os fluxos de comércio podem levar à exacerbação das discriminações, caso os governos sejam lenientes no que se refere ao respeito às normas de trabalho. Uma ZPE tem por objetivo, em geral, aumentar os fluxos de exportações e, dependendo das normas trabalhistas e das instituições que as regem, a discriminação de gênero e de outros tipos podem ser exacerbadas a fim de ampliar os diferenciais de competitividade dos exportadores.<sup>11</sup>

A ZFM não é uma ZPE, porém, se beneficia de regimes especiais que poderiam ampliar as desigualdades de gênero em virtude da busca de competitividade das empresas ali instaladas. Nossos dados não mostram uma realidade muito distante do restante do país. No entanto, alguns indicadores de discriminação chegam a apontar menores distorções para as mulheres trabalhadoras da indústria de Manaus. As regras ofertadas referentes às normas de trabalho e benefícios para os trabalhadores, em termos de assistência médica, existência de creche ou escola e transporte - como contrapartida dos benefícios fiscais concedidos no âmbito da ZFM - podem explicar, ao menos em parte, tais resultados. Fatores culturais e históricos – associados à presença da população indígena e à menor presença de atividades baseadas nas relações escravocratas no passado – podem contribuir para entender outros aspectos da divisão sexual do trabalho na região.

---

10 Para uma resenha das abordagens teóricas acerca das relações entre comércio internacional e desigualdades de gênero, ver Cagatay (2006).

11 Sobre as relações de gênero nas ZPEs ver, por exemplo, Murayama e Yokota (2009), que analisam essas relações em três países (Coréia do Sul, Índia e Bangladesh).



## ○ trabalho produtivo (trabalho pago)

A indústria de Manaus era, em 2011, responsável por 12% da população ocupada do estado do Amazonas, o que correspondia a aproximadamente 185 mil postos de trabalho. O crescimento do emprego industrial no Amazonas foi de 39,4% entre 2002 e 2011, crescimento esse bem superior ao observado para o emprego industrial no Brasil (12,4%).

A taxa de participação feminina no emprego industrial de Manaus era de 35% em 2011 (Gráfico 1). Essa taxa aumentou desde 2002, quando era de 32% em virtude do crescimento acelerado do número de trabalhadoras na indústria nesse período (53%, superando o crescimento total do emprego da indústria assinalado anteriormente). A taxa de participação em Manaus é ligeiramente inferior ao da indústria brasileira em seu conjunto (36%). No caso do Brasil, essa taxa se manteve constante desde os anos 1990 – tanto para o emprego total quanto para o industrial. A estabilidade dessa taxa de participação sugere que, ao menos para uma grande parte do país, essa taxa de participação chegou ao seu nível máximo devido à difícil conciliação entre a vida doméstica e a carreira profissional que as mulheres enfrentam no mundo real (MARUANI e HIRATA, 2003; LAVINAS, 2011).

Comparativamente aos demais grandes setores da economia, o setor de serviços é aquele que absorve a maior parte das trabalhadoras, sendo esse percentual mais elevado no Brasil do que no Amazonas, aonde a agricultura absorve relativamente mais mulheres do que no restante do país.

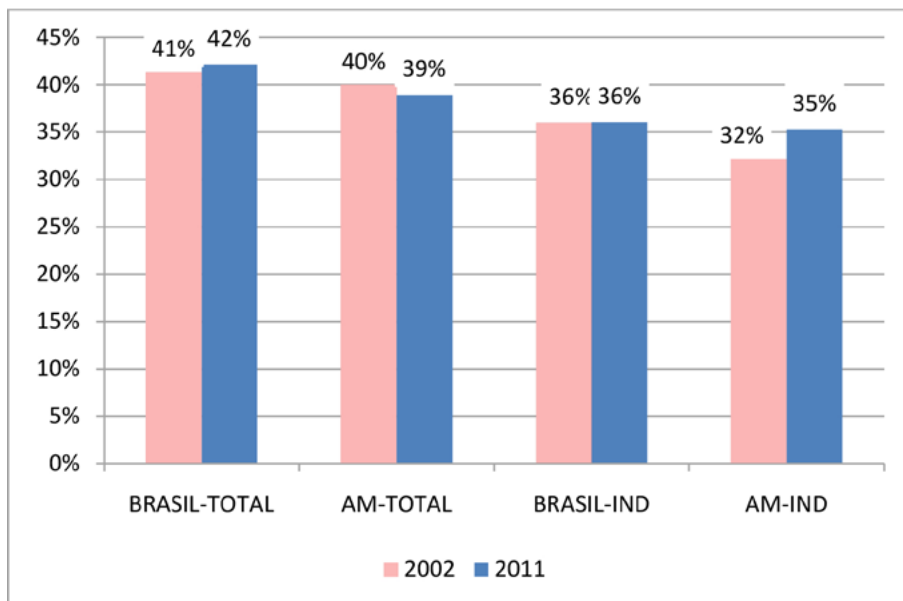
**Tabela 1 - Perfil do emprego total e industrial no Brasil e no Amazonas (2002 e 2011)**

	Brasil		Amazonas	
	Emprego total	Emprego Indústria	Emprego total	Emprego Indústria <sup>1</sup>
2002				
HOMEM	45.877.459	6.927.643	493.114	89.816
<b>MULHER</b>	<b>32.302.163</b>	<b>3.893.385</b>	<b>327.963</b>	<b>42.591</b>
TOTAL	78.179.622	10.821.028	821.077	132.407
2011				
HOMEM	54.077.579	7.780.260	935.015	119.408
<b>MULHER</b>	<b>39.415.488</b>	<b>4.382.784</b>	<b>596.057</b>	<b>65.161</b>
TOTAL	93.493.067	12.163.044	1.531.072	184.569
crescimento 2002-2011 (em %)				
HOMEM	17,9%	12,3%	89,6%	32,9%
<b>MULHER</b>	<b>22,0%</b>	<b>12,6%</b>	<b>81,7%</b>	<b>53,0%</b>
TOTAL	19,6%	12,4%	86,5%	39,4%

Notas<sup>1</sup>: corresponde ao emprego industrial de Manaus.

Fonte: PNAD/IBGE.

**Gráfico 1 - Taxa de participação feminina na mão de obra total e da indústria no Brasil e no Amazonas(2002 e 2011)**



Fonte: PNAD/IBGE.

A remuneração média mensal no Amazonas é inferior àquela observada no Brasil para homens e mulheres nos dois anos observados (Gráfico 2). A única exceção consiste na remuneração das mulheres amazonenses (total) em 2002, que é ligeiramente superior à média das brasileiras. Na indústria, em particular, que se refere à remuneração das trabalhadoras da ZFM, a diferença do rendimento médio das mulheres em relação à média das trabalhadoras na indústria brasileira é inferior do que quando se compara o rendimento médio dos homens amazonenses relativamente à média dos homens brasileiros.

Vale dizer que a média da indústria nacional, com a qual está se comparando o rendimento médio da indústria manauara, é muito influenciada pelos dados do estado de São Paulo, que responde, segundo a PIA, por 40% do valor bruto da produção nacional – ou seja, um tamanho equivalente a 10 vezes a produção de Manaus. E que, além do tamanho, é o estado mais rico da federação com indicadores sociais bem diferentes do restante do país. Sendo assim, as pequenas diferenças apresentadas pelos rendimentos dos trabalhadores e, sobretudo, pelas trabalhadoras de Manaus são indicativos positivos acerca do mercado de trabalho daquela região.

Em termos de discriminação salarial de gênero, ela também é observada na indústria de Manaus, porém, é inferior àquela observada na indústria nacional. Em 2002, os homens obtinham uma renda média mensal 55% superior à das manauaras; em 2011, tal diferença passou para 61%. O crescimento do rendimento médio mensal dos homens da ZFM na década analisada superou o das mulheres, o que explica o crescimento no diferencial da renda dos homens relativamente ao das mulheres. Os diferenciais observados na indústria amazonense são para os dois anos, inferiores aos diferenciais observados para a indústria brasileira em média – o diferencial de 89% em 2002 caiu para 65% em 2011, denotando uma redução dos diferenciais médios na indústria brasileira.

A comparação dos rendimentos médios, no entanto, é uma faceta da questão do uso do tempo e das atribuições tipicamente femininas, externas ao mercado de trabalho: a jornada de trabalho dos homens é sistematicamente maior do que a das mulheres. No caso do Amazonas, os homens têm uma jornada de trabalho 13% superior à das mulheres.<sup>12</sup> Esse fenômeno só não é observado em quatro setores industriais, dos quais apenas a indústria eletroeletrônica, informática e material de telecomunicações têm relevância para o emprego feminino. Outras informações acerca da jornada de trabalho mostram que as mulheres trabalham mais frequentemente em regimes parciais de trabalho do que os homens. Ou seja, essa característica revela uma maior disponibilidade do homem para o trabalho mercantil com uma consequência clara sobre os rendimentos que ele pode auferir naquele mercado.

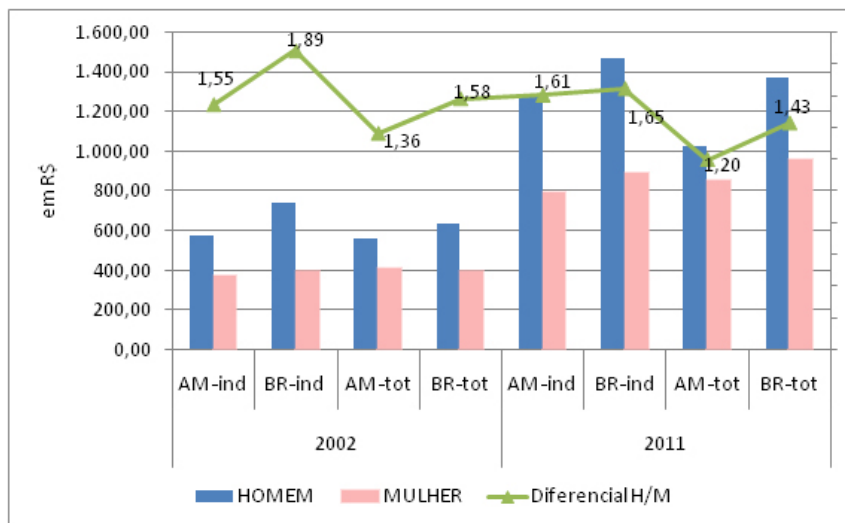
Nesse sentido, vale registrar que o diferencial de renda por hora trabalhada é inferior quando se toma a renda média mensal.<sup>13</sup> No caso dos homens e mulheres do Amazonas, o diferencial da renda horária é de 10%, inferior à da renda média mensal.

---

12 No caso do Brasil, a jornada de trabalho masculina – todos os setores incluídos – é 17% superior à das mulheres.

13 Aqui estão todos os setores incluídos, pois não dispomos dessa estatística para a indústria de transformação.

**Gráfico 2 - Rendimento médio mensal para homens e mulheres no Brasil e no Amazonas – indústria e total (2002 e 2011)**



Fonte: PNAD/IBGE.

Dentre as atividades industriais, os segmentos de máquinas e equipamentos e eletroeletrônicos absorvem 8% da mão de obra da indústria de transformação brasileira e 5% da mão de obra feminina. No estado do Amazonas, devido à especialização setorial da ZFM, o peso desses dois setores em termos de emprego é bem superior: eles respondem por 38% da mão de obra total regional e 45% do emprego feminino. A participação no emprego, assim como na produção, mencionada anteriormente, define sua importância no contexto da sociedade local. Esses dois setores são altamente feminilizados, existindo dentro das cadeias de montagem (de produtos eletrônicos, principalmente) atividades que são destinadas exclusivamente a mulheres por sua *habilidade e destreza*. A feminilização – ou a taxa de participação feminina – nas indústrias eletroeletrônicas e de informática não é um fato específico à ZFM. Porém, ali, os números são bem superiores à média da indústria brasileira, correspondendo a 29% do total de empregos femininos em 2011. Ou seja, embora o emprego masculino seja mais representativo, a participação das mulheres é relativamente elevada em quatro setores, os dois primeiros muito importantes para a indústria local – são eles: máquinas e equipamentos, eletroeletrônicos, têxteis e vestuário<sup>14</sup> e alimentos e bebidas (Tabela 2).

14 Vale dizer que indústria têxtil e vestuário têm relevância apenas do ponto de vista do emprego, e

**Tabela 2 - Composição setorial do emprego industrial feminino e masculino no Amazonas, 2002 e 2011 (em % do total)**

Setor industrial	2002			2011		
	Homem	Mulher	Mulher/ Total	Homem	Mulher	Mulheres/ Total
Máquinas e equipamentos	6%	6%	32%	21%	26%	40%
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos, inst. Precisão e mat. Comunicação	16%	24%	42%	13%	19%	45%
Produtos têxteis, vestuário e artefatos de couro	4%	33%	81%	2%	21%	84%
Produtos alimentícios e bebidas	17%	12%	24%	8%	9%	38%
Móveis e indústrias diversas	11%	7%	24%	7%	6%	34%
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	1%	0%	0%	9%	1%	6%
Motos	6%	1%	9%	6%	2%	17%
Celulose, papel e produtos de papel	3%	3%	31%	5%	4%	29%
Produtos de metal - exclusive máquinas. e equipamentos.	6%	1%	10%	6%	2%	16%
Produtos de madeira	9%	4%	18%	5%	2%	18%
Produtos de minerais não-metálicos	3%	1%	11%	5%	0%	6%
Outros equipamentos de transporte	3%	0%	0%	4%	0%	0%
Indústrias extrativas	2%	0%	0%	2%	2%	38%
Produtos químicos	5%	5%	30%	2%	1%	18%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1%	0%	0%	1%	2%	44%
Produtos de borracha e plástico	3%	1%	17%	1%	1%	43%
Coque, refino de petróleo e produção de álcool	2%	0%	0%	2%	0%	0%
Metalurgia básica	2%	1%	22%	1%	0%	0%
Produtos do fumo	0%	0%	n.d.	0%	0%	0%

Fonte: PNAD/IBGE (classificação própria a partir da CNAE Domiciliar, utilizada na PNAD).

isso, segundo os dados da PNAD que incluem os empregos informais. Uma análise das informações sobre a posição na ocupação das trabalhadoras desse setor mostra que elas são - em sua maioria - sem carteira ou conta própria. Aliás, isso significa que esse setor não se encontra regido pelas regras da ZFM nem coberto pelas estatísticas da PIA/IBGE, que de fato acusam uma baixíssima contribuição desse setor para a produção e para o emprego industrial.

Enfim, a estrutura de emprego explica em grande parte os diferenciais de rendimentos observados anteriormente. A Tabela 3 mostra os diferenciais de renda média mensal e de renda por hora trabalhada para alguns subsetores. Em alguns deles, os diferenciais são inferiores aos observados para a indústria brasileira, tais como máquinas e equipamentos e informática, eletroeletrônica e telecomunicações.

**Tabela 3 - Diferencial de rendimento mensal, por hora trabalhada, para homens e mulheres na indústria do Amazonas e da média brasileira (2011)**

Setor	AMAZONAS		BRASIL	
	Renda média mensal	Renda p/ hora trab.	Renda média mensal	Renda p/ hora trab.
Máquinas e equipamentos	1,15	2,73	1,32	1,63
Informática, eletrônicos e mat. comunicação	1,58	1,45	1,51	1,70
Têxteis, vestuário e couro <sup>1</sup>	9,99	23,53	1,58	1,47
Alimentos e bebidas	1,46	1,19	1,60	1,45
Móveis e indústrias diversas	2,69	1,85	1,84	1,71
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1,19	1,07	1,02	0,73
Motos	1,18	1,00	1,03	0,85
Celulose e papel	1,10	8,80	1,22	1,17
<b>INDÚSTRIA</b>	1,61	n.d.	1,65	n.d.
<b>TOTAL</b>	<b>1,20</b>	<b>1,11</b>	<b>1,43</b>	<b>1,27</b>

Nota: O volume de emprego masculino nesse setor é muito baixo, podendo enviesar o indicador.

Fonte: PNAD/IBGE.

## A permanência da divisão sexual do trabalho: o trabalho reprodutivo

O foco principal deste trabalho consiste em analisar a relação trabalho produtivo e reprodutivo vivida pelos trabalhadores e trabalhadoras da indústria da ZFM. Esta abordagem feminista considera a família como um fenômeno histórico e introduz a dimensão sexuada nas análises destes trabalhos. Como denunciou o movimento feminista, a falta de visibilidade e valorização das atividades de cuidado – aqui, afazeres domésticos – estão na raiz da discriminação de gênero e da inferiorização das mulheres na sociedade (VANDELAC et al., 1988). Segundo as teóricas do feminismo, evidenciar a importância da contribuição social das mulheres para a reprodução da vida, que se consubstancia na produção doméstica, consiste num grande desafio econômico e político. Produção doméstica essa que é assegurada gratuitamente pela exploração econômica da mulher pelo homem que se apoia, em parte, nas relações familiares e em particular, na relação marital.<sup>15</sup>

Neste item está a análise das informações dos microdados da PNAD/IBGE 2002- 2011, num recorte de gênero, do tempo que operárias/os da indústria de Manaus dedicaram à realização das tarefas domésticas no seio das suas famílias. A realidade amazonense é confrontada com a nacional, mantendo-se o mesmo recorte setorial.

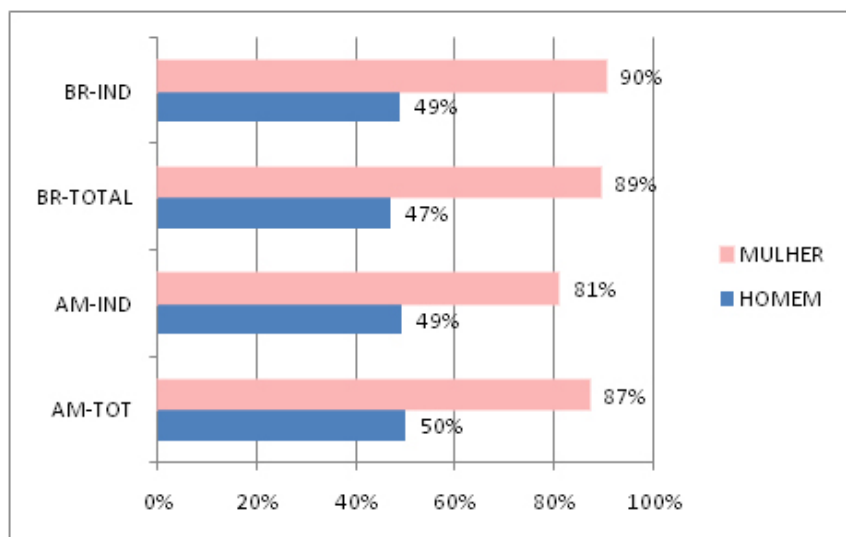
O percentual das amazonenses que declaram realizar afazeres domésticos é inferior ao percentual de mulheres brasileiras que o fazem – 87% contra 89%. A diferença entre a quantidade de mulheres que declaram efetuar tais tarefas em relação ao Brasil é maior quando se analisa apenas aquelas que trabalham na indústria, que são, em sua grande maioria, operárias da ZFM. Nesse caso, o percentual de declarantes na indústria manauara é de 81% enquanto na brasileira é de 90%. No que se refere aos homens, a taxa de participação daqueles que declaram realizar afazeres domésticos é semelhante à do Brasil – no caso dos trabalhadores da indústria –, mas um pouco superior quando se trata do Amazonas como um todo.

Por consequência, do ponto de vista da repartição das tarefas domésticas, as desigualdades entre homens e mulheres são menores dentre os trabalhadores da indústria manauara.

---

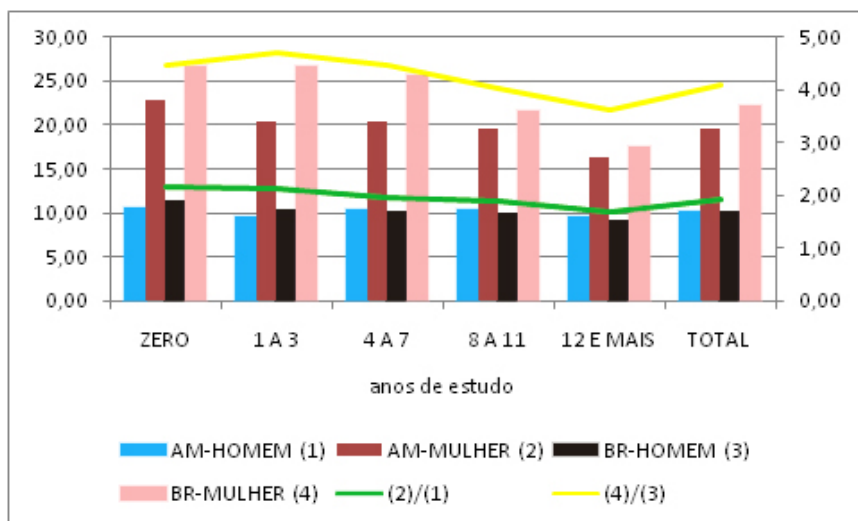
15 Sobre este tema, ver Soares (2008) e Melo e Castilho (2009).

**Gráfico 3 - Pessoal ocupado com 10 anos ou mais que declarou realizar afazeres domésticos por sexo – Amazonas e Brasil (2011)**



Fonte: PNAD/IBGE, 2011.

**Gráfico 4 - Número de horas dedicadas a afazeres domésticos por homens e mulheres segundo a escolaridade – Amazonas e Brasil (2011)**



Fonte: PNAD/IBGE, 2011.



Por fim, é interessante notar a divisão das tarefas segundo o setor de trabalho dos homens e mulheres (tabela 4). Nos setores de maior relevância para o emprego industrial do Amazonas, bastante representativo da ZFM, em grande parte deles a relação entre homens e mulheres que realizam afazeres domésticos é menor do que para o Brasil. Nos setores de alimentos e bebidas, por exemplo, o percentual de trabalhadores e trabalhadoras que declaram realizar afazeres domésticos é muito próximo no Amazonas, o que é bem diferente do que acontece em média no Brasil. Os setores de informática e eletroeletrônica também apresentam resultado similar ao de bebidas: não somente as amazonenses trabalham menos em casa do que as brasileiras em geral, como também os homens da região trabalham mais do que os brasileiros em média.

**Tabela 4 - Pessoal ocupado com 10 anos ou mais, que declarou realizar afazeres domésticos por sexo e setor de atividade – Amazonas e Brasil (2011)**

	AMAZONAS		BRASIL		Mulheres AM x BR
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	
INDÚSTRIAS EXTRATIVAS	0%	80%	42%	77%	>
Alimentos e bebidas	63%	67%	50%	91%	<
Têxtil, vestuário e couro	50%	86%	49%	92%	<
Informático, Produtos eletrônicos e mat. Comunicação	64%	87%	48%	91%	<
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	40%	100%	56%	84%	>
Máquinas e equipamentos	39%	69%	49%	81%	<
Veículos automotores, reboques e carrocerias	47%	100%	51%	83%	>
Motos (2 rodas)	67%	100%	52%	72%	>
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>49%</b>	<b>81%</b>	<b>49%</b>	<b>90%</b>	<
SERVIÇOS	49%	85%	49%	88%	<
Construção civil	49%	79%	45%	81%	<
<b>TOTAL</b>	<b>50%</b>	<b>87%</b>	<b>47%</b>	<b>89%</b>	<

Fonte: PNAD/IBGE

## Conclusões

Este estudo analisou as relações de gênero nos mercados de trabalho produtivo e reprodutivo de uma zona de interesse particular do ponto de vista de comércio exterior e desenvolvimento industrial no Brasil – a Zona Franca de Manaus.

A cidade de Manaus tem uma atividade industrial relevante para a economia brasileira, sobretudo no que se refere a alguns setores específicos. A produção local se concentra em bens de maior conteúdo tecnológico, ainda que

outros setores tradicionais como bebidas e alimentos sejam relevantes. Em virtude dos diversos incentivos que são concedidos às empresas – fiscais e de isenção de impostos à importação – e do formato inicial da ZFM, o conteúdo importado da produção é bastante elevado. A produção, no entanto, é dirigida principalmente para o mercado doméstico, sendo as exportações pouco relevantes. Há uma forte presença de empresas multinacionais que aí se instalaram para se beneficiar dos incentivos para suas atividades de montagem de bens de maior conteúdo tecnológico. A concessão dos benefícios obedece às regras que definem as etapas que devem ser desenvolvidas em Manaus (chamado *Processo Produtivo Básico*) e às regras trabalhistas que regem a conduta das empresas, entre outras.

A escolha deste recorte deve-se a esta característica – especialização produtiva particular, resultante de políticas públicas específicas que levaram ao desenvolvimento de um polo industrial remoto. Nesse contexto, o que esperar dessa região sob a ótica de gênero, a partir do conceito de divisão sexual do trabalho?

A primeira grande constatação foi que o trabalho produtivo das operárias industriais locais mostrou-se de alguma forma menos precário do que a média da região e, sem dúvida, do que de outras regiões do país. Excetuando-se os rendimentos, cuja comparação em termos puramente monetários é inócua, em diversos aspectos o mercado de trabalho produtivo apresentou aspectos favoráveis para as trabalhadoras – em termos de qualidade do emprego, jornada de trabalho e diferencial de rendimentos relativamente aos homens. No entanto, em uma análise da organização do mercado de trabalho a partir da hierarquização estabelecida entre as ocupações exercidas pelas trabalhadoras e os trabalhadores daquela indústria, os postos de trabalho ocupados pelas mulheres foram de pior remuneração e mais desvalorizados na cadeia produtiva.

A segunda constatação foi de que o tempo dedicado à reprodução das famílias (trabalho reprodutivo, captado aqui pelo tempo declarado como dedicado aos afazeres domésticos) mostra uma situação inesperada e aparentemente positiva para as mulheres amazonenses. Elas gastam relativamente menos tempo com afazeres domésticos do que as demais mulheres do país. Quais seriam os motivos? Quais os elementos, que derivam desta divisão sexual do trabalho regional, que atuam como princípios norteadores da organização econômica e social da sociedade manauara, que se expressam na relação trabalho produtivo e reprodutivo na primeira década do século XXI? Infelizmente não foi possível explorar a questão cultural que faz a sociedade amazonense ter uma forte presença de mulheres e homens de etnia indígena, o que seguramente confere uma diversidade aos arranjos familiares locais

como aparentemente nossos dados empíricos indicam. Outra pista a ser seguida – não para explicar a desigualdade entre homens e mulheres, mas para explicar as diferenças relativamente à média dos operários brasileiros - é que a condicionalidade na concessão de benefícios para as empresas ali instaladas, de fato, gera efeitos positivos para as trabalhadoras e trabalhadores no que diz respeito ao acesso à educação e cuidado dos filhos, transporte e serviços de saúde. Isso se daria por meio da concessão de *serviços de cuidado* por parte das empresas como contrapartida dos benefícios fiscais da ZFM.

Enfim, houve avanço e fortalecimento da presença das mulheres no mercado de trabalho e na sociedade, como o exemplo da ZFM ilustra, mas fortemente marcados pelo *ser mulher*. Elas permanecem como uma força de trabalho secundária e como cuidadoras responsáveis pela reprodução da vida, mesmo que menos estressadas que suas colegas do resto do Brasil.

## Referências

- ABRAMO, L. W. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?* Tese (Doutorado em Sociologia). PPGS, FFLCH -USP. São Paulo, 2007.
- AGUIAR, N. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. *Revista Gênero*, v.1, n.2, 2001.
- \_\_\_\_\_. Metodologias para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiana no Brasil. *Econômica*, v.12, n. 1, 2010.
- AQUILINI, G. de H. O uso do tempo das mulheres em idade ativa. In: 35º Conferência da International Association for Time Use Research (IATUR). Rio de Janeiro, 2013.
- BANDEIRA, L. Importância e motivações do Estado brasileiro para pesquisas de uso do tempo no campo de gênero. *Econômica*, v.12, n. 1, 2010.
- BECKER, G. *A treatise on the family*. Harvard: Harvard University Press, 1991.
- BORDERIES, C.; CARRASCO, C. Las mujeres y el trabajo: aproximaciones históricas, sociológicas y económicas (Introducción). In: BORDERIES, C.; CARRASCO, C.; ALEMANY, C. (orgs.) *Las Mujeres y el Trabajo, rupturas Conceptuales*. Barcelona: ICARIA: FUHEM.D.L., 1994.
- BOSERUP, E. *La mujer y el desarrollo económico*. Madrid: Minerva, 1970.
- CARRASCO, C. *Estatísticas sob Suspeita*. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista (SOF), 2012.

- \_\_\_\_\_. (org.), *Mujeres y Economía: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: ICARIA, 1999.
- CAGATAY, N. Gender inequalities and international trade: a theoretical reconsideration. Capítulo Latinoamericano de la Red Internacional de Género y Comercio, 2006. Disponível em: <www.generoycomercio.org>. Acesso em: 01/02/2010.
- FONTOURA, N.; PINHEIRO, L.; GALIZA, M.; VASCONCELOS, M. Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. *Econômica*, v. 12, n. 1, 2010.
- HUMPHRIES, J.; RUBERY, J. La autonomía relativa de la reproducción social: su relación con el sistema de producción. *Cambridge Journal of Economics*, v. 8, 1984.
- LAVINAS, L. Estratégias femininas para conciliar trabalho remunerado e trabalho doméstico no século XXI. *Revista da ABET*, v. 10, n. 2, 2011.
- MARUANI, M.; HIRATA, H. (orgs.) *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Abril, 1983.
- MEILLASSOUX, C. *Femmes, Greniers et Capitaux*. Paris: Maspéro, 1979.
- MELO, H. P.; PENA, M. V. A condição feminina e a teoria econômica. *Literatura Econômica*, Inpes/Ipea, fev. 1985.
- MELO, H.; CASTILHO, M.; DI SABBATTO, A. Um olhar de gênero sobre o setor eletro-eletrônico da Zona Franca de Manaus. In: *EQUIT. Um olhar de gênero sobre o setor eletro-eletrônico da Zona Franca de Manaus*. Rio de Janeiro: Instituto Equit, 2010.
- MELO, H. P.; CASTILHO, M. O trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? *Revista de Economia Contemporânea* v. 13, n. 1, 2009.
- ECONÔMICA. Dossiê A perspectiva feminista e os trabalhos sobre os usos do tempo. Niterói: UFF, v. 12, n. 1. 2010.
- MELO, H. P.; CONSIDERA, C.; DI SABBATO, A. Os afazeres domésticos contam! *Economia e Sociedade*, v. 13, 2007.
- MELO, H. P.; CONSIDERA, C.; DI SABBATO, A. 10 Anos de Mensuração dos Afazeres Domésticos no Brasil. In: 35º Conferência da International Association for Time Use Research (IATUR). Rio de Janeiro, 2013.

- MICHEL, A. *Les Femmes dans la Société Marchande*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- MILL, J. S. A sujeição das mulheres. In: MILL, J. S.; MILL, H. T. *Ensaio sobre a igualdade sexual*. Ed. e introduzido por Alice Rossi. Trad. por Leila de Souza Mendes Pereira. The University of Chicago Press. *Literatura Econômica*. Rio de Janeiro, Ipea/Inpes, v. 7, n. 1, 1985.
- MURAYAMA, M.; YOKOTA, N. Revisiting labour and gender issues in export processing zones: cases of South Korea, Bangladesh and India. *Economic and Political Weekly*, v. 44, n. 22, 2009.
- NICHOLSON, L. Feminismo e Marx: integrando o parentesco com o econômico. In: BENHABIB, S.; CORNEL, D. (Orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- PICCHIO, A. Visibilidad analítica y política del trabajo de reproducción social. In: CARRASCO, C. (Org.). *Mujeres y Economía: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: ICARIA, 1999.
- \_\_\_\_\_. El trabajo de reproducción, tema central en el análisis del mercado laboral. In: BORDERIES, C.; CARRASCO, C.; ALEMANY, C. (Orgs.) *Las Mujeres y el Trabajo, rupturas Conceptuales*. Barcelona: ICARIA: FUHEM.D.L., 1994.
- POLÍTICA & TRABALHO. Dossiê Temporalidades. João Pessoa: UFPB, n. 34, abril, 2011.
- RUBIO, S. P. Repensando la participación de las mujeres en el desarrollo desde una perspectiva de género. In: GEOGHEGAN, V. S. (org.). *Economía Feminista*. Assunción, Paraguay: Secretaria de la Mujer de la Presidencia de la Republica, 2011.
- VANDELAC, L. L'économie domestique à la sauce marchande...ou les évaluations monétaires du travail domestique, In : VANDELAC, L. ; BÉLISIE, D.; GAUTHIER, A.; PINARD, Y. *Du Travail et de l'Ámour*. Montreal (Quebec): Editions Saint-Martin, 1988.
- SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. In: 16º Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Caxambu, MG. *Anais do 16º Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 2008.

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em março de 2016.

